O Livro Vermelho

YOMANGO

edições
baratas

O Livro Vermelho

YOMANGO

O nome “Livro Vermelho do Yomango” é, provavelmente, uma referência ao livro “Citações do Presidente Mao”, mais conhecido como “Pequeno Livro Vermelho”, ou “Livro Vermelho de Mao”, publicado em abril de 1964 pelo governo da República Popular da China. Nesse livro, estão reunidos citações e discursos pronunciados pelo então presidente do Partido Comunista da China, Mao Tse-Tung. Além dessa referência, são inseridas aqui também frases de Mao, bem como sua foto na capa do livro.

A arte e a literatura proletárias são parte da causa da revolução proletária em seu conjunto, são como dizia Lênin, 'sua correia de transmissão...

Mao Tse-tung. Fórum de Yenan. Maio de 1942.

Introdução 9
SDCC. Sabotagem Divertida Contra o Capital 12
Alarmes 15
A espiral e as fitas adesivas 16
Com um alicate 17
O alarme magnético 18
A costureira 19
Com um cinzeiro 20
Corpos 21
Grávidas 22
Yomanga e o tornozelo 23
Agasalhos 24
Câmeras 25
O clássico flagrante 26
Entredeux 27
Espelhos 28
10 dicas para um estilo de vida yomango 29
Quando um chinês desconhecido te presenteia com um salame 34
Yopito 35
Rap sessões 37
Dúvidas yomango 41
Pegue seu presunto 44
Oficinas do círculo de bons mangos 45

INTRODUÇÃO

O jogo capitalista do sacrifício, da culpa, das regras e das punições parece ter tomado conta do mundo. A todo o momento nosso desejo é tomado de nós, transformado em produtos e oferecido de volta em troca da nossa mão de obra, explorada por horas e horas todos os dias, o "trabalho honesto" que não nos traz nada além da possibilidade de sobreviver, com mais ou menos conforto. Somos livres! Livres para nos sacrificarmos em troca de capital, livres para com esse capital escolhermos os produtos que tivermos condições de consumir. Livres???? Justos??? Honestos??? Dignos??? O que é a dignidade senão uma forma de se orgulhar de ser explorado e de aceitar passivamente as limitações impostas pelo capitalismo??? Faz parte do plano divino de nos levar ao paraíso???

Nesse contexto surge o YOMANGO, insatisfeito com essa recusa da vida e afim de se re-apropriar de nossos desejos, de nossa liberdade e de nosso prazer, sem culpas ou restrições. Por acreditar na importância desse movimento e desse livro, nos propusemos a traduzi-lo, para que também os brasileiros que não entendem a língua espanhola possam saber mais sobre o YOMANGO. É preciso, no entanto, no mantermos anônimos por questões de segurança pessoal, e também para podermos continuar praticando essa divertida sabotagem contra o capital.

Sobre esse processo tradutório, é importante, primeiramente, desfazer a ilusão de que uma tradução se trata de algo mais do que uma leitura possível do original, relativizando portanto questões de traduções certas, erradas, fiéis etc. Antes de traduzir, o tradutor lê o texto e tira suas conclusões com base em suas referências e experiências, que não são as únicas possíveis. Pois bem. Da mesma maneira que há diferentes compreensões de um mesmo texto, há, portanto, diferentes maneiras de se traduzir um texto, de acordo com a compreensão individual (ou do grupo).

Outro ponto de reflexão é a relação entre linguagem e cultura, e como elas influenciam nosso discurso, o que nos levou a acrescentar vinte e uma notas de rodapé (marcadas como n.t. – nota do tradutor) com observações sobre aspectos da cultura espanhola e da nossa compreensão do livro. Acreditamos que tal processo possa enriquecer a leitura dessa tradução, principalmente por parte de pessoas que não tenham contato com o idioma do original, bem como com sua cultura.

Além disso, mantivemos alguns elementos do original, como as referências e derivados do termo YOMANGO e a dupla marcação de interrogação, característica da língua espanhola. As palavras derivadas de YOMANGO (yopito, yomanga, mangar, mango, yomangante) não foram traduzidas nem italizadas (usa-se itálico em palavras estrangei-

ras), seguindo a mesma lógica do termo YOMANGO, que não é traduzido para "eu roubo", tornando-se assim característico do movimento. A manutenção dessas expressões pode facilitar o intercâmbio entre os países, além de fugir do território normatizado pelos termos roubo e furto. Também a dupla marcação de interrogação característica da língua espanhola (¿?) foi mantida por ser uma ferramenta útil para uma melhor compreensão do texto, já que o leitor pode saber de antemão que uma pergunta se inicia.

A leitura do Livro Vermelho, ao nosso ver, é essencial para uma boa introdução ao movimento, pois traz, de forma bastante irônica e informal, além de dicas, questões, sugestões e reflexões sobre essa prática, para não nos iludirmos e não nos limitarmos.

Boa leitura!

A essas alturas da chatice antiglobalização, já deveria ter ficado claro que esse lance de globalização é o capitalismo avançado, ou seja, o capitalismo infiltrado, mais do que nunca, nos quatro cantos do mundo e de nossas vidas.

Ou seja, se antes o capital chegava até as portas da fábrica, agora o que acontece é que ele acompanha o trabalhador dirigindo seu carro, passa com ele no supermercado, faz a lista de compras para ele, passa na creche para buscar seu filhinho e então vai para a casa, claro que sim: o capital globalizado chega em casa e liga a televisão, sugere algum lixo congelado para o jantar e se faz de mocinho e vilão no filme de depois da janta... Ah, e nos intervalos o capital se troca e faz as propagandas em todos os canais, e dá na mesma mudar de grade de programação (¿por que será que se chamam grades então?).

Chama-se globalização por isso, está mais que claro: porque está em todas as partes, em todas as partes do mundo e em todas as partes da sua vida, e onde está faz com que você, faça o que faça, gere benefícios para ele, deixe-o mais gordo e que assim ele possa chegar melhor ainda a mais e mais cantinhos, se é que sobrou algum.

Nos Estados Unidos têm uns caras, os cool-hunters, os "caçadores do legal", que se dedicam especificamente a isso, a procurar coisas que sejam legais, mas que ainda não gerem benefícios a ninguém. Vêem, caçam e vendem ao capital para que ele tire benefício, para que se globalize um pouco mais ainda... Isso aconteceu com o hip-hop, com

a arte política, enfim... Obviamente, sendo assim, tem gente que põe as mãos na cabeça e diz que não há nada para fazer, que tudo está tomado, comprado e vendido...

Mas, ¿existe alguma coisa a fazer? ¿Será que só se manifestar e levar porrada cada vez que os vilões se juntarem em algum lugar (e olha que isso também pode ser importante)? Porque por isso e por algumas coisas mais somos conhecidos, os "antiglobalização", até agora...

Talvez estejamos sendo um pouco limitados: se o capital se espalhou, se está em todas as partes e de todas as partes espera, e necessita, tirar proveito... Então pode também estar mais frágil que nunca.

Antes, quando o capital chegava até as portas da fábrica, para pará-lo, o capital e sua máquina de fazer merda com as vidas das pessoas, o que se podia fazer eram greves, greves e revoluções, mas isso era dificílimo porque tinha que mobilizar muita gente e você sabe como andam as coisas. Agora, se o capital está em tantos lugares, então é muito mais fácil sabotá-lo e fazê-lo de palhaço.

Já deu para perceber que a resistência pode estar em qualquer esquina de qualquer mundo, em campanha contra o McDonalds, a Nike, a Shell, a Ibertrola[1], Monsanto ou o vilão que seja, mas também não podemos nos converter em colecionadores de broches-contra-esse-e-contra-o-outro, nem passar a vida de grão em grão (achando que um dia a galinha vai encher o papo).

---

1 [n.t.] Empresa espanhola de eletricidade. Muitos protestos já foram feitos na Espanha contra a empresa Ibertrola com o objetivo de denunciar a contaminação do meio ambiente causada pela empresa e suas falsas propagandas de preservação ambiental.

Chegou o momento da "sabotagem divertida contra o capital" (doravante SDCC). É preciso analisar como funciona o capital em cada ato que fazemos cotidianamente e descobrir um modo alegre e divertido de encher seu saco, uma SDCC: os hipermercados são fantásticos: tenho uma amiga que se dedica a pegar bandejinhas de filé de vitelo, tirar os filés do plástico e deixá-los entre as roupas nas prateleiras (pueagh!). Outra pessoa com mais senso prático, ou com mais apetite (minha amiga é alemã e vegetariana), pega a compra sem pagar e a devora com seus amigos. A sabotagem tem que ser divertida: é importante se apropriar disso, porque logo o capital se encarrega de deixar nossa vida sem graça, uma SDCC tem que ser alguma coisa que você esteja desejando fazer... Além disso, na brincadeira sempre tem alguma coisa que nos escapa, inclusive de nós mesmos...

Claro que é preciso se organizar, não vale aquilo que dizíamos quando crianças: se os 500 milhões de chineses que têm no mundo combinassem e peidassem todos de uma vez! Ufff! Isso que poderíamos chamar de modelo "peido chinês consensual" não é válido como instrumento político. Uma pena. É preciso se dedicar, pensar os tipos de SDCC's (como YOMANGO), pesquisar as ferramentas necessárias, organizar faixas...

ALARMES

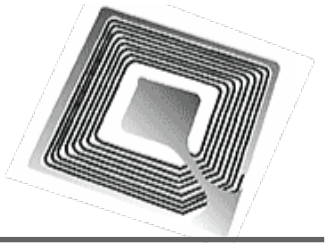
Os Inimigos do Povo

Para continuar avançando até o triunfo da Revolução, é imprescindível identificar e neutralizar os Inimigos do Povo. ¿Como reconhecê-los? Os Inimigos do Povo costumam ser de plástico duro, redondinhos, e com uma elevação no centro. Vêm colados nas roupas, nos discos, inclusive nos presuntos[2], e disparam os alarmes quando saímos com eles pelas portas dos hipermercados. Existem outros que parecem adesivos quadrados grossinhos, outros se disfarçam de fitas adesivas e outros ainda de finos filetinhos metálicos. Todos eles sucumbirão como cachorros vagabundos em debandada frente ao firme progresso das milícias YOMANGO.

Todos os Inimigos do Povo, não importa a forma que adotem, se comunicam mediante radiofreqüência (pii piii piii), ou seja, são simples circuitos elétricos que emitem uma freqüência detectada pelos arcos ou antenas situados nas portas dos estabelecimentos. Aprenda a tratar como merecem os alarmes capangas do Capital e você permanecerá erguido e intrépido como um pagode de ferro[3].

2 [n.t.] Existem várias referências a esse alimento presentes neste livro. Isso se deve provavelmente ao fato de o presunto ser um ponto muito marcante da gastronomia espanhola, assim como os embutidos no geral (no livro o fuet e a morcilla – chouriço – também são citados algumas vezes.). É interessante notar, porém, que o presunto espanhol (jamón) não é como o brasileiro: são grande coxas de porco, das quais se cortam as fatias. No Brasil, conhecemos como presunto cru.

3 [n.t.] Pagode é o termo geral dado às torres aparentemente sobrepostas com múltiplas beiradas, comuns na China, no Japão, nas Coréias, no Nepal, e em outras partes da Ásia. Muitos dos pagodes foram construídos para fins religiosos, geralmente budistas, por isso localizavam-se dentro ou próximos a templos (fonte: wikipedia.org).



A espiral

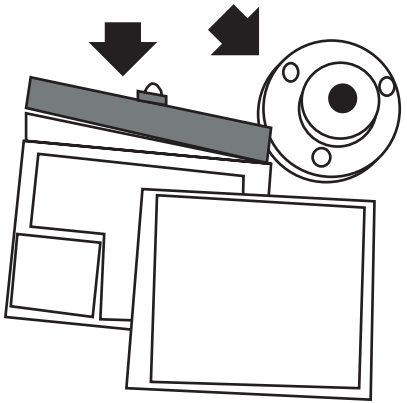
é o inimigo do povo mais freqüente em comida, discos e livros. Quebre um cantinho ou rasgue-o para inutilizar seu circuito de radiofreqüência.

As fitas adesivas e os filetinhos,

como as espirais, são grossos ao tato e são facilmente arrancados. Os filetinhos são metálicos e finos como pêlos, o que pode deixá-los difíceis de localizar. Tenha calma e não caia nas armadilhas que espalham por aí os que nos querem.

Com um alicate de cortar cabo dê uma mordiscada no inimigo de classe ou alarme: os cabos do circuito interior mostrarão seus bracinhos, corte-os e não voltarão a radiofreqüenciar, sendo assim jogados na lixeira da história.

Com o mesmo alicate você pode tentar cortar o arame que une o alarme propriamente dito ao percevejo que o prende pela parte de trás. Se o alarme não estiver bem preso, você poderá cortar esse arame facilmente. Lembre-se de jogar o alarme fora em seguida, em qualquer lugar: debaixo de uma pilha de blusas ou em um amontoado de roupas. Não coloque no bolso de uma peça (pode atrapalhar algum camarada) nem jogue em um cesto de papéis, assim fica muito visível e os "delinqüentes" observam.



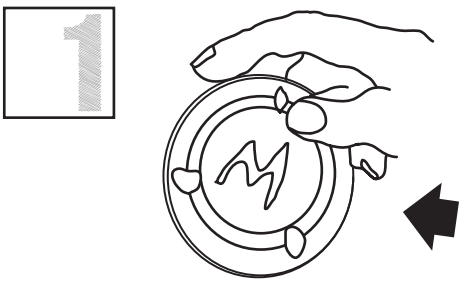
O magnetico,

a maioria das caixas de plástico duro presas a alguns produtos se abre usando um imã muito potente. Todos os caixas e provadores têm um, geralmente parafusado, mas fique atento que às vezes pode também ter um solto, abandonado por aí, como estava o do deseinho preso ao Inimigo no LVIII ano da Grande Marcha.

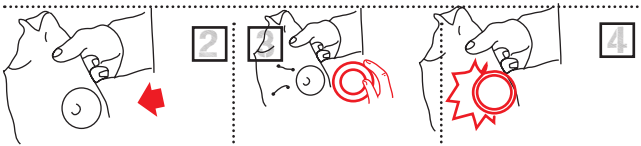
A costureira,

Os alarmes da roupa costumam estar nas costuras. Assim, tudo o que você tem a fazer é levar uma tesoura pequenininha na bolsa (você sempre pode sofrer uma revista inesperada), enfiar a ponta da tesoura, desfazer a costura e abrir um buraquinho para tirar a parte pequena do alarme, o percevejo que o prende pela parte de trás. Se fizer isso no provador, esconda a peça escolhida e uma vez dentro da cabine já é sua.

Com um cinzeiro



JUNTE UMA BOA QUANTIDADE DE CINZEIROS DE METAL DO MCDONALDS. SELECIONE O QUE MAIS TE APETECER, PORQUE COM UM É SUFICIENTE



Localize o alarme (o do modelo redondo) na sua peça de roupa, veja se não tem mais que um, sabe como são os brincalhões.

Nesse ponto você já terá se dado conta de que o alarme entra com facilidade na parte côncava do cinzeiro, una ambas as peças e encape dobrando as bordas do cinzeiro.

Esse simples princípio de física dos materiais isola o circuito e sua roupa assim deixa de apitar. Não acredita: comprove você mesmo.

CORPOS

Ninguém sabe do que um corpo é capaz.

Na Grande Marcha contra o Capital sempre tem um momento em que o povo recorre ao mais básico, ao que nunca nos falha: os corpos, seus vãos, anfractuosidades e voltas, serão o campo de batalha onde se desenrolará o assalto final. Ninguém sabe do que um corpo é capaz, como disse Grande Pai[4], e nele qualquer coisa: bandejas de chuleta, filas de chouriços proletários, camaradas presuntos, garrafas de vinho.

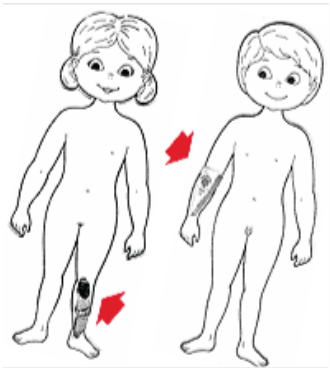
Tudo pode encontrar seu lugar e disposição. Precisa-se transformar o corpo em umamáquina de guerra (Grilles Peleuze) e ¿o que pode ser melhor do que blindar essa máquina a base de embutidos e latas de conserva? A seguir faremos uma revisão de operações tático-corporais que te farão rir da Eva Nasarre[5].

4 [n.t.] Referência a Mao Tse-Tung, a quem esse livro é dedicado, como já mencionado.

5 [n.t.] Eva Nasarre (Lérida, 1960) foi uma ginasta espanhola muito popular nos anos oitenta por ser a difusora da ginástica aeróbica no país.

GRÁVIDAS

Uma técnica exclusivamente (?) feminina e bastante difundida é a falsa gravidez. Fabrique uma meia circunferência de plástico onde você possa introduzir artigos de todo tipo. O da figura é um pouco tosco, na verdade, e enfia o abacaxi, o alho-poró e o torrone de chocolate por baixo com o conseqüente dano da dignidade pré-maternal que deveria possuir. Se você adaptar sua roupa com algum bolso ou abertura na frente que conduza à parte superior da tripanasciturus poderá trabalhar com muito mais comodidade.



YOMANGA[6]

Se seu blusão é dos que têm velcro nos punhos, já está pronto. Tire a blusa ao entrar em seu shopping preferido (está calor, mas está fresquinho), ajuste e aperte o velcro para que bloqueie a manga por onde normalmente sai sua mão, e pode enfiar de tudo. Lembre sempre de garantir que não tem etiquetas de alarme no que colocar na manga. Você pode levar a blusa pendurada em um braço, quanto mais baixo menos se vê... E nesses lugares você sempre acaba levando mais coisas do que pensava.

O TORNOZELO

À altura do tornozelo, preso pela meia e escondido embaixo da calça viajam muitas coisas. Se a cestinha estiver cheia é ideal: se agache como se fosse amarrar o cadarço, deixe a cestinha no chão, cobrindo suas mãos e o tornozelo de olhares indiscretos.

---

6 [n.t.] Trocadilho com yomango e manga da blusa, já que se refere à técnica de esconder artigos aí.

Cada europeu rouba ao ano

76,83 €

equivalente a 15 garrafas de whisky

Agasalhos

Cada camarada europeu rouba dos hipermercados uma média de 76,83 Euros, ou, o que dá no mesmo, umas quinze garrafas de whisky. Pegue tudo isso em um único dia fabricando um agasalho com os forros reforçados e compartimentados. Recicle esses agasalhos enormes e velhos que você nunca teve coragem de jogar fora ou consiga um bem grande e comece a quebrar estatísticas.

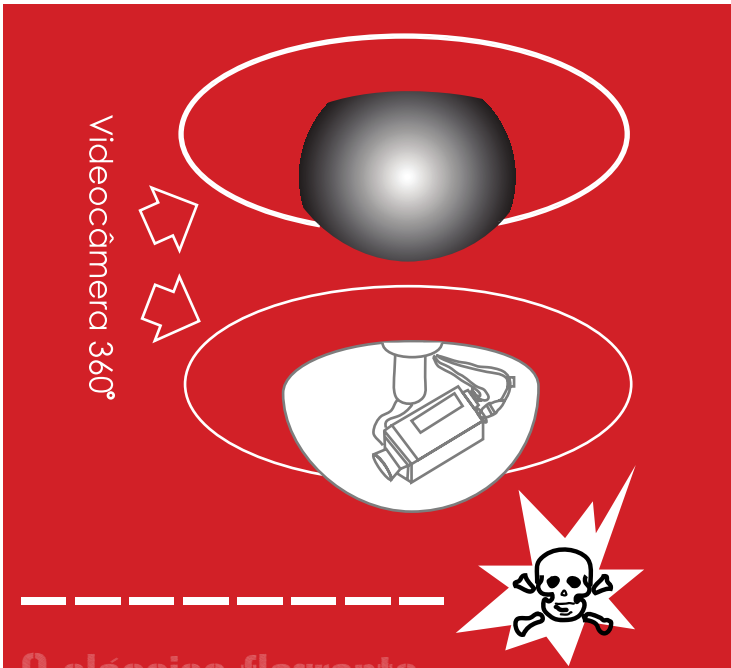
CÂMERAS

Os olhos do capital observam o heróico yomangante pelas câmeras publicamente camufladas nessas semi-esferas pretas de plástico que colocam nos tetos dos supermercados. Mas com elas acontece como com todos os outros: quanto maior a exibição e opulência de meios, mais fácil é burlá-los. Muitas vezes não são capazes de controlar todas as câmeras que têm instaladas e só as usam para seguir alguém que já lhes chamou a atenção ao entrar.

As câmeras costumam estar situadas nos cantos mais afastados e onde, instintivamente, as pessoas com pouca experiência costumam se infiltrar para surrupiar os mais variados objetos.

É preciso aprender a identificá-las, antes de tudo, e a procurar logo os lugares seguros em que não têm câmeras. Se os seguidores do Capital situaram câmeras em todas as partes, então você tem que procurar os ângulos mortos aonde as câmeras não chegam: trace uma linha imaginária desde a esfera-câmera até você e tente rompê-la interpondo prateleiras, clientes gordos, cartazes daqueles que ficam pendurados no teto com as ofertas (muito freqüentemente eles mesmos inutilizam assim suas câmeras). Agachar-se até as prateleiras inferiores costuma ser uma boa opção para encontrar ângulos mortos, ou também usar suas próprias coisas como escudo para te cobrir.

Em qualquer caso, o mais importante, na vida em geral, é que seus movimentos sejam sempre graciosos: naturais e orgânicos. Não gesticule, nem aja espalhafatosamente: tudo isso é seu e você está simplesmente guardando. Quando prosseguir não vai ter erro.



O clássico flagrante.

Um clássico flagrante-por-câmera é o dos babacas que vão como tiros, assim que entram, para a seção de bebidas alcoólicas, onde sempre tem câmeras, e ali mesmo tentam futar dezessete garrafas de Negrita[7]. Tudo errado.

Essa linha mostra o sujeito em uma posição perigosa. Seria conveniente parar por aí.

7 [n.t.] Rum muito conhecido, produzido por Paul Bardinet (famoso fabricante de rum) na zona de Penedés (Catalunha).

Entredeux[8]

Se você for em casal ou com um colega fica fácil: você pode pedir-lhe que caminhe meio metro diante de você ou que se cruzem de frente tranqüilamente, aproveitando esse momento mágico. Já dedicaram nada menos que um livro aos pormenores do YOMANGO em dupla.

8 [n.t.]"Entre dois" em francês.

Espelhos

Aplique seu conhecimento sobre as câmeras e seus ângulos mortos aos espelhos convexos, que só vão te delatar, camarada babaca, se você já tiver chamado atenção desde que entrou em campo e estiverem te seguindo na expectativa. É conveniente ter consciência das dificuldades que pode encontrar no caminho. Exercite diariamente suas habilidades de cocheiro e seus métodos de defesa. Assim, qualquer direção de avanço lhe trará boa fortuna e o Inimigo de Classe ficará confuso e impaciente como uma formiga em um caldeirão quente.

10 dicas para um estilo de vida

YOMANGO.org

“Antes morta que simples”. Faustina Patterson

1.

Já sabemos que as marcas querem vender coisas, mas sabem que só sobreviverão no mercado pós-moderno se se associarem com êxito à representação estilizada de uma forma desejável de vida: seja o jovem bon vivant do Martini, ou o vaqueiro solitário e forte do Malboro country. YOMANGO, quem diria, não vai te vender nada, mas também pode te propor um estilo de vida.

2.

Nas décadas de 50 e 60, na era fordista do capitalismo, a normalidade era um estilo de vida definido por sua respeitabilidade e qualquer outra coisa era viajar na maionese. Aí apareceu a contracultura e a enésima boemia: naqueles tempos felizes as extravagâncias, o preto, o exótico, eram revolucionários... Mas isso acabou: no capitalismo cultural, pós-fordista, as diferenças, os estilos de vida alternativos não são mais que setores de mercado a ser atendidos e servidos, ou seja, comprados e vendidos para aumentar a glória do capital. ¿Poderíamos propor estilos de vida, modos de fazer, que não fossem imediatamente engolidos como qualquer outra moda? Se usar roupa velha, ou calças jeans rasgadas ou boné de rapper pôde se inserir na lógica econômica do capitalismo tardio: ¿aconteceria o mesmo com um estilo de vida YOMANGO?

3.

O capitalismo cultural sobrevive mediante a exploração da inteligência e da criatividade coletiva. O mercado se nutre das idéias, das formas de vida, das múltiplas maneiras em que as pessoas se expressam por meio da palavra, do vestuário, dos gestos, da sexualidade...

O capital se apropria de seus desejos, de suas expectativas, de sua experiência... E em seguida pretende te vender tudo isso em uma forma alienada, tola e cara no geral, alheia a você, convertida em "coisas" que você pode comprar. O estilo YOMANGO propõe "se re-apropriar", legitimar e estender a "expropriação" do que, de fato, previamente a sua conversão em "coisas", pertencia ao público. O YOMANGO põe ao alcance de sua mão o que é seu e, verdade seja dita, está ao alcance de sua mão.

4.

O mercado oferece uma falsa alternativa, uma falsa liberdade de eleger entre uma ou outra via para destinar seu dinheiro, seu desejo ou suas ilusões, para essa marca ou aquela, quase sempre em benefício do mesmo empresário. O YOMANGO ataca a livre concorrência afirmando: a verdadeira alternativa é DINHEIRO vs. YOMANGO. O resto é comércio. O resto é trabalhar consumindo. O YOMANGO não é trabalho explorável: é uma forma alheia de gratuidade por meio do paradoxo: dinheiro grátis. O YOMANGO é a mão que em uma dança insubmissa traça no ar de seu shopping o arco do desejo, sem mediações: direto da estante para seu bolso, sem dinheiro nem cartões.

5.

"Mangar", obter as coisas "sob manga" tem sua graça e sua técnica: o YOMANGO, dessa maneira, é também a produção de ferramentas (roupas, complementos, instrumentos...) e a consolidação de gestos cotidianos (comportamentos, ações...) para viver YOMANGO. Não é uma questão de segredinhos nem de tecnologias complexas, trata-se de viabilizar uma sabotagem cotidiana e gostosa ao capital. Trata-se de inventar novos gestos que, ao se repetirem, abram novos mundos habitáveis: "comprar" é um exercício passivo, chato, alienante, um ato socialmente pré-determinado. "Mangar" pode não ser apenas um ato de sabotagem com o qual se consegue os ingredientes para o almoço, pode ser também uma prática criativa e excitante.

6.

O YOMANGO não é o fomento da propriedade privada por outros meios. Não propõe a acumulação de tralhas e queijos camembert[9]. Consiste em levar ao extremo a livre circulação de bens. Redescobre a generosidade, o capricho, a indeterminação. Re-aproprie-se e faça circular, satisfaça os desejos e necessidades de seus semelhantes. Convide seus amigos para jantas YOMANGO na sua casa. Quando um desconhecido te presenteia com um salame... Isso é YOMANGO.

---

9 [n.t.] Nome de uma variedade de queijo, de massa mole, originalmente da Normandia, no Noroeste da França. Produzido com leite de vaca, apresenta-se com uma fina crosta de bolor.

7.

Pois do mesmo modo que o mercado pega seu desejo e converte em coisa, ele pega os espaços públicos e converte em hipermercados, onde não faz frio nem calor e onde até mijar custa dinheiro. É como se tivessem comprado a maior praça da sua cidade e tivessem posto câmeras, guardas e caixas enquanto você joga o jogo para o qual está feito o tabuleiro e aceita as regras de uma abundância que é a outra cara da precariedade – aeromoças, camareiros, a menina que cuida de seus filhos no castelo inflável.

Seja você cliente ou empregado, ¿e daí? YOMANGO e YOPITO[10] propõem converter esses espaços maravilhosos em lugares de conflito comestível: complete seu salário medíocre arrasando com o que puder, leve roupas da loja, coma e dê de comer grátis, faça vista gorda quando vir desaparecer um presunto por baixo de um agasalho.

8.

Donas de casa, adolescentes, aposentados... São, há muito tempo, os que mais "mangam". O YOMANGO só será interessante se conseguir se conectar com toda essa gente em seu próprio campo de atuação, se não se limitar a ser o enésimo gesto de retórica desobediente de antiglobalistas e moderninhos.

RAP SESSÕES YOMANGO é um ponto de encontro onde se trocam demos, cd´s e conselhos; onde circulam as fichas técnicas e interpretamos o hip-hop como cultura de resistência e sabotagem.

---

10 [n.t.] "Eu apito" em espanhol. Mesma lógica de YOMANGO ("Eu furto"). Refere-se à prática de sabotagem por meio de disparos seguidos de alarmes de estabelecimentos, provocando confusão.

9.

O YOMANGO é uma franquia que você pode montar onde bem entender. O estilo YOMANGO é um processo aberto. Cria ferramentas, protótipos e dinâmicas que fluem e proliferam, que esperam ser re-apropriados e circular. Uma marca que é de todo mundo. Que vai e vem do público. E lembre-se: YOMANGO, só em seu hipermercado.

10.

YOMANGO. ¿Você quer? ... Você tem.

Quando um chinês desconhecido te presenteia com um salame... isso é

Converta-se em um verdadeiro chato de hipermercado

É o sábado antes do Natal, um hipermercado do centro de Madrí, umas sete da noite, nooite de paaaz. De repente em um caixa um jovem que acaba de comprar uma garrafa de sidra El Gaitero[11] aciona os alarmes anti-roubo. PIIIII PIIIII PIIIII: o menino, entre incrédulo e divertido volta a passar pelos detectores que voltam a cumprir PIIIII, PIIIII, missão.

Chega o primeiro segurança, justo quando o jovem se desprende de seu PIIIII agasalho para passar de novo entre os arcos, o segurança segura o agasalho enquanto o menino continua apitando. Então começam a soar os alarmes em outro caixa mais adiante. O segurança não sabe muito bem o que fazer com o agasalho e enquanto pensa nosso PIIIII jovem se desprende também do cinto e entrega-o ao mesmo segurança-cabide exatamente no momento em que no caixa do lado outra menina que acaba de comprar um pacote com cinco chicletes também começa a apitar, mais seguranças foram chegando e cumprem diversas funções: uns PIIIII PIIIII tentam arrastar um jovem de rasta para o quarto escuro, outro consola amigavelmente um casal jovem e apitante, e se exaspera ao ver que em um dos caixas seguintes uns rapazes que compraram um PIIII Toddynho e uma moça que adquiriu um pepino também estão apitando.

---

11 [n.t.] Marca de Sidra original de Astúrias (Espanha). Essa marca também fabrica alimentos preparados e doces.

Chega um momento em que os quarenta caixas do hipermercado estão apitando, já estavam apitando há um bom tempo ou vão começar a apitar dentro de um segundo, enquanto esse jovem sorri e espera para pagar seu tomate. As filas estão maiores e ninguém entende nada. Uma velhinha que também apita se indigna porque ninguém a leva para nenhum quarto escuro. Os gerentes do hipermercado se firmaram na região do caixa central e tentam explicar o que está acontecendo: ¿uma epidemia de roubos em cadeia? ¿uma rebelião de seus sistemas de alarme? ¿um PIIIII concerto de PIIIII natal?

Agora, como se fosse pouco, descobrem que tem gente com câmeras gravando tudo aquilo. ¿Será uma conspiração? Decidem chamar a polícia e desconectar os sistemas anti-roubo de todos os caixas, por todo caso. Do lado de fora, na rua, um grupo de umas quarenta pessoas abre uma garrafa de sidra El Gaitero e se passam triunfantes um presunto, uma das cinco belezinhas que, quem diria, não apitava e, no entanto, ou talvez por isso, estava divino.

RAP SESSÕES

ENCHA SUA GELADEIRA DE GRAÇA

Hip hop e desobediência política

N KO

Depois de vários meses de trabalho, o coletivo YO-MANGO conseguiu abrir um espaço desde onde impulsionar o hip-hop underground em Madrí graças à organização de uma das salas do Centro Social Ocupado Autogestionado El laboratorio III[12], felicitações. Seu esforço deu bons resultados em um tempo recorde se levarmos em conta as dificuldades que o movimento tem em nossa cidade para se organizar com um espaço mais ou menos estável. O "boca a boca" conseguiu atrair muitos b-boys e b-girls para o centro com a celebração semanal das RAP SESSÕES, durante cujo transcurso puderamse assistir à evolução artística de dj's e grupos iniciantes da emergente cena estatal, e assistir a filmes relacionados direta ou tangencialmente com o hip-hop dentro do ciclo "O autêntico cinema de bairro".

A proposta iniciou bem seu caminho, mas ainda lhe resta um trecho a percorrer para aproveitar todas as possibilidades que lhe oferece um C.S.O.A. El laboratorio III é um espaço que se decidiu okupar para acolher projetos sociais, culturais e políticos nascidos e crescidos à margem de qualquer organização oficial.

---

12 [n.t.] O Labo, como é chamado, se localiza em Lavapiés, nome de uma praça, uma rua, um bairro e uma estação de metrô do centro de Madri (Espanha).

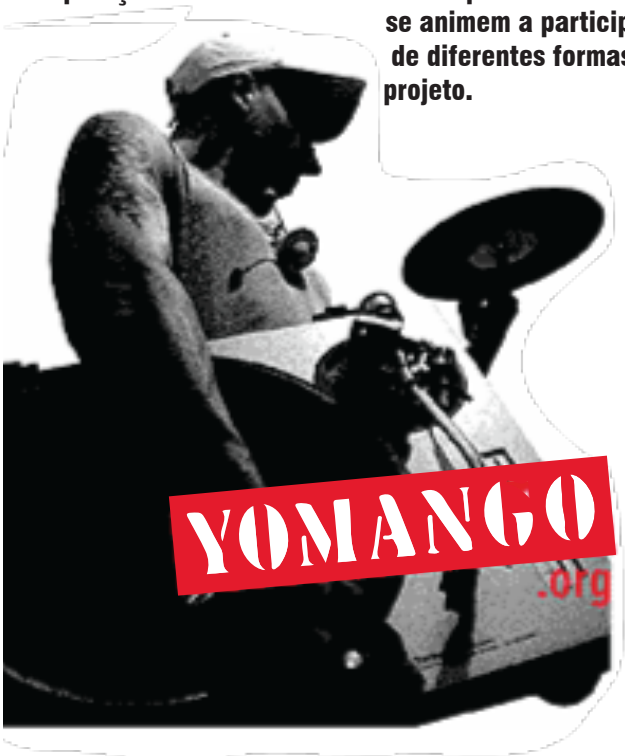
De nós depende que o hip-hop, como manifestação artística urbana independente, contribua para fazer crescer esse projeto junto ao resto de atividades que lhe estão dando cada vez mais forma (teatro, rede temática, coletivo de vídeo etc).

Os responsáveis que até agora se encarregaram de levar todo o peso do projeto RAP SESSÕES abriram uma porta ao hiphop em Madrí de onde hoje se lança uma pergunta aos b-boys e às b-girls desta cidade: ¿o hip-hop existe como movimento cultural underground? Da resposta que podemos dar a essa pergunta nasce um desafio que nos responsabiliza a todos pelo rumo que toma nosso movimento nessa cidade. Em nossa opinião mantê-lo vivo implica em se sentir jogado nesse desafio, para evitar que seja estancado e convertido em uma mera alternativa de ócio empacotada e intercambiável por qualquer outra que o mercado cultural inclua em seu "pacote de ofertas" para o fim de semana.

A situação geográfica do centro, coração da Metrópole junto à estação de trem Embajadores, faz dele um ponto nevrálgico de fácil acesso inclusive para o pessoal da periferia. Apresenta-se diante de todos uma oportunidade insuperável para converter o Labo em um ponto de reunião em que se potencialize o debate e intercambio de idéias e experiências em torno do hip-hop e do mango propriamente dito.

Presumimos que seja o lugar ideal a partir do qual possamos levantar os alicerces de uma fonte de conhecimento que funcione à margem de convencionalismos, manipulações midiáticas e interesses empresariais. Um lugaronde, além de baseados, miniaturas e risadas, sejam trocados demos, fanzines, filmes e idéias sobre o movimento.

Hoje em dia, quando parece que estamos assistindo a uma segunda onda de "moda hip-hop" à raíz da projeção internacional que alcançou a figura do "Eminem", é imprescindível aproximar posturas e trocar opiniões. O aprendizado coletivo nos permitirá neutralizar as possíveis manipulações dessa cultura a serviço de interesses empresariais. Esperamos apenas que os que compareçam ao Labo às sextas-feiras pensem nisso e se animem a participar de diferentes formas no projeto.



Dúvidas sobre YMNG

O YMNG talvez seja uma proposta válida (sustentável, efetiva) de sabotagem, mas tem alguns flancos débeis em que convém pensar:

• Ainda que questionemos com o YMNG as mediações existentes entre o desejo e os objetos (o dinheiro e os sistemas de vigilância que mantêm sua circulação), ¿podemos nos permitir deixar intacto o próprio sistema de necessidades que nos impõe o capitalismo tardio? E juntamente com esse sistema de necessidades, discutivelmente genuínas, ¿o YMNG afeta as codificações dos objetos e seus usuários (prestígio, exclusão)?

Ou seja, ainda que possa estar questionando determinado nível de funcionamento do "sistema" (a saber, a circulação totalizante do dinheiro), o YMNG não estará, por outro lado, fortalecendo um dos pilares de tal sistema: o sujeito imaturo e perpetuamente necessitado de objetos que o construam e o reafirmem.

O YMNG nesse sentido seria "pão 'personalizado' para hoje e fome, muita fome, em geral para amanhã".

• Outro ponto, ¿o YMNG tem algo a dizer a respeito do sistema de distribuição de recursos (trabalho, mercadorias, capital) em seu conjunto? Ou seja, ainda que pareça poder afetar em um nível micro (a maneira como as coisas se desenvolvem "aqui"), ¿o YMNG deixa intacto o conjunto do sistema globalizado de produção de mercadorias no "terceiro mundo" e de consumo no "primeiro"?

Tudo aponta que o YMNG poderia oferecer remendos para algumas pessoas "daqui" para evitar desigualdades e carências (ainda imaginárias), mas ¿ele possui alguma colocação para as pessoas de "lá"?

Nesse sentido o YMNG seria "pão desenhado 'aqui' e comer os próprios punhos de fome 'lá'".

• Em terceiro lugar, ¿o YMNG deveria incorporar alguma reflexão sobre a insustentabilidade e a irresponsabilidade de um modelo de produção e consumo tão claramente inviável a nível ecológico (já tendo mencionado sua insustentabilidade social.)?

Ainda que seja interessante o aspecto pelo qual o YMNG desenvolve e libera uma política do desejo não influenciado pelo dinheiro, ¿até que ponto ao fazer isso não reforça as ilusões de um modelo que segue crescendo na ficção do desenvolvimento ilimitado? ¿Cabe aqui, sem parecer maoísta, lembrar certas colocações de austeridade e conciliá-las com a alegria de viver que o YMNG sugere? E se não cabe, ¿o que escolhemos?

Por esse lado o YMNG seria "pão pullman para hoje e catástrofe global para amanhã".

Vladimir@sccpp.org *

**** O camarada Vladimir foi deportado à Mongolia Citerior, porque uma coisa é duvidar e outra é dar uma de esperto.***

Pegue seu presunto com

Oficinas

do Círculo de Belos Mangos

Dentro da nossa oferta de ação e difusão, não apenas realizamos intervenções e materiais (mais ou menos comestíveis), também organizamos a realização de oficinas para refletir e divulgar todos os aspectos que rodeiam o YOMANGO.

Começamos trabalhando O que é YMNG, trazendo suas diferentes descrições: uma Antimarca, uma Ivestigação-Ação-Participação experimental e divertida, algumas ferramentas para a ação, uma estratégia de desobediência civil cotidiana, um reconhecimento de que mangar não é novo, nem original, mesmo que desejemos desfazer a imagem do roubo como algo oculto e isolado, propondo introduzi-lo como mais uma atividade do "original e novo" SDCC, e sem oferecê-lo como uma proposta ideal de futuro, mas como mais uma ponte e uma resistência ao capital. Passamos então por uma argumentação do Por que YMNG:

• Contribuir com novas e complementares formas de luta e abrir debates, questionamentos, antagonismos...

• Ser propositivo, desenvolto, ilusionista, facinho, próximo. Trabalhar do local ao global, unindo as ilhas que conectam tudo por baixo, criando tecido social e apoios mútuos entre as diferentes "ilhas" dos movimentos sociais.

• Atacar as raízes do capitalismo: o dinheiro em forma de coisinhas repensando as necessidades, desejos e outros encraves do Consumo.

• Porque queremos pão, mas também rosas... e lingüiças, chocolate, botas novas e uma garrafa de Negrita. Tampouco evitamos analisar o Por que não YMNG em forma de mil perguntas que não pretendem obstruir, mas abrir reflexões, dúvidas, críticas, opções, possibilidades etc. Por último, fechamos com o que abrimos esse texto, as propostas para atuar e difundir a partir do Como YMNG:

• Mangar: ferramentas, conselhos, acessórios, truques, anedotas, dieta-da-provolone para principiantes...

• Difundir: vídeos, RAP SESSÕES, fichas, folhetos ergiversados de lojas, cartazes, camisetas, carteirinha de sabotador, moldes para paredes, página da web, oficinas, ações...

E com isso, como diziam os zapatistas, fechamos o Círculo do YOMANGO, que como toda luta, sabe-se onde começa, mas não onde acaba (o xadrez, o xadrez!). ¿As nossas oficinas te interessam? Escreva para verdaderasabiduris@yomango.es

“

Tome sua ferramenta achatada.

Mao Tse-tung. Escritos sociológicos e culturais.

sccpp.org

yomngo.org

4x4hiphop.com

sindominio.net/fiambrera

YOMANGO